XXVII Encontro
de Iniciação à Docência

https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/enid/index

Pró-reitoria de graduação – ENID – 2025

ARTIGO SUBMETIDO AO XXVII ENID - 2025 - UFPB

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO INICIAL

Bianca Letícia Soares de Lima -Discente
Maria Gabriela Oliveira de Souza- Discente
Wesley José da Silva- Discente
Jamilly Stefanny Alves- Discente
Amanda Trajano Batista- Prof Dra. DPSICO
Isabel Marinho da Costa- Prof Dra. DME
Lidianny Braga de Souza - Prof Dra. DFE

Programa PROLICEN
CE, Campus I, João Pessoa-PB.

INTRODUÇÃO

A Inteligência Emocional (IE) refere-se à capacidade de reconhecer, compreender e gerir as próprias emoções, bem como lidar com as dos outros, favorecendo equilíbrio e cooperação (Goleman, 1995; 2011). No campo educacional, tais competências contribuem para o desenvolvimento socioemocional, a tomada de decisões conscientes e a construção de relações saudáveis. Entretanto, a IE ainda é pouco abordada na formação docente, o que reforça a necessidade de inseri-la nos cursos de licenciatura, articulando cognição e emoção no processo de ensino-aprendizagem.

Com base em Vygotsky (1984), compreende-se que a aprendizagem implica pela mediação e interação social, exigindo professores capazes de integrar saberes pedagógicos e emocionais. De forma complementar, Rogers (1973) destaca a importância de ambientes acolhedores, baseados em empatia e respeito. Assim, discutir a IE na formação docente é essencial para uma educação mais humana e significativa. Desse modo, reconhece o professor como ser social, afetivo e cognitivo.

Para tal, os objetivos deste trabalho são: fomentar o conhecimento sobre IE como parte do processo ensino-aprendizagem nos anos iniciais; refletir sobre IE no contexto educacional; elaborar materiais didáticos sobre o tema e; discutir a importância da IE na formação inicial através de oficinas que promovam práticas docentes sensíveis e empáticas.

METODOLOGIA

A metodologia deste/a relato/pesquisa é de abordagem qualitativa, cuja natureza é descritiva e seu caráter é interventivo. Para isso, este trabalho fundamenta-se em relatos de experiência e observações sistematizadas durante a execução do projeto "Inteligência Emocional e o processo de ensino-aprendizagem: fomentando conhecimento na formação inicial e continuada", vinculado ao PROLICEN/UFPB. O estudo teve como foco compreender como a Inteligência Emocional (IE) pode contribuir para o processo formativo de licenciandos, articulando teoria e prática em contextos educacionais reais.

Os materiais utilizados incluíram artigos científicos, livros, cartilha digital, slides, recursos visuais elaborados no Canva e instrumentos de coleta de dados como registros escritos, observações diretas e produções resultantes das oficinas realizadas na vigência do projeto citado acima. A coleta ocorreu de forma participativa, a partir das ações desenvolvidas pelos discentes durante os ciclos formativos.

O procedimento metodológico deste trabalho/relato, envolveu três etapas principais, a saber: (1) grupo de estudo teórico, com leituras e discussões semanais sobre IE e Sistema Límbico; (2) confecção colaborativa de materiais pedagógicos e digitais voltados à socialização do conhecimento e; (3) realização de oficinas formativas com turmas de Pedagogia, nas quais aplicou-se a Técnica da Associação Livre de Palavras (TALP) para mapear percepções dos participantes. As respostas foram tabuladas e analisadas com o software Word Clouds, gerando nuvens e análises de similitude.

A principal inovação metodológica reside na integração entre saberes da Educação e da Neurociência, na utilização de ferramentas digitais para sistematização dos dados e na proposta de formação que alia pesquisa, produção colaborativa e intervenção pedagógica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Contextualização do Projeto

O presente artigo detalha/relata os resultados e as discussões decorrentes da realização de cinco oficinas intituladas "A Inteligência Emocional e o Sistema Límbico: Educar com Emoção: Inteligência Emocional e a Identidade Docente em Construção". Estas atividades, supervisionadas pelas Professoras Doutoras Lidianny, Isabel e Amanda, tiveram como objetivo central: fomentar o protagonismo discente na atuação docente; permitindo que os integrantes do projeto vivenciassem, na prática, a condução de processos formativos.

Em relação ao público-alvo, as oficinas tiveram um público composto por 143 discentes dos cursos de licenciaturas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com um engajamento notável dos professores das turmas envolvidas, que cederam espaços em suas aulas para a realização das oficinas. As turmas pertenciam, em sua maioria, ao curso de Pedagogia, abrangendo diversos períodos, com destaque para a turma da disciplina "Psicologia da Educação", que registrou a maior participação. Já a metodologia das oficinas foi estruturada em torno de dinâmicas de entrada e saída, nas quais os participantes eram convidados a expressar, por meio de palavras, sua compreensão sobre a Inteligência Emocional (IE) no início das atividades e seus sentimentos ou aprendizados ao final.

Este corpus textual, totalizando 408 palavras, foi subsequentemente analisado por meio da ferramenta de nuvem de palavras (WORD CLOUDS), permitindo uma visualização gráfica das percepções mais e menos frequentes. Esta análise, complementada pelos relatos reflexivos dos discentes integrantes do projeto, fornece um panorama rico e multidimensional do impacto das oficinas, ilustrando não apenas a aquisição de conhecimento, mas uma verdadeira transformação na percepção da inteligência emocional como pilar da prática educativa.

Análise da Percepção Inicial: A Nuvem de Palavras da Dinâmica de Abertura

Durante a dinâmica inicial, foram coletadas 264 palavras, funcionando como um diagnóstico do conhecimento prévio dos licenciandos sobre IE. A análise da nuvem de palavras (Figura 1) revelou uma compreensão que, embora relevante, era parcial e concentrada em aspectos intrapessoais. A tríade "autocontrole", "autoconhecimento" e "emoção" emergiu com proeminência, indicando que a maioria dos participantes associava a IE primariamente à capacidade de gerenciar e compreender as próprias emoções.

Figura 1- Nuvem de palavras referentes à dinâmica inicial das oficinas de formação



Fonte: Word Clouds

Salovey e Mayer (1990), em seu trabalho seminal, definiram a IE precisamente como a habilidade de monitorar os próprios sentimentos e os dos outros, discriminando entre eles e usando essa informação para guiar o pensamento e a ação. Da mesma forma, Goleman (1995) popularizou a ideia de que o autoconhecimento e o autocontrole são alicerces para o domínio pessoal.

A recorrência destes termos sugere que esses conceitos já haviam permeado, em algum nível, o imaginário dos discentes, possivelmente através de discursos midiáticos ou de formações introdutórias, demonstrando que o tema já possuía um espaço, ainda que incipiente, na formação docente.

Contudo, a análise também evidenciou lacunas significativas. Conceitos fundamentais como "empatia", "resiliência" e "maturidade" apareceram com baixa frequência ou nas bordas da nuvem, sinalizando que sua conexão com o construto da IE não era imediata ou prioritária para uma parcela considerável dos participantes. Esta é uma observação crucial, pois, a empatia é amplamente reconhecida como um componente vital para relações interpessoais saudáveis, especialmente no contexto da sala de aula.

Goleman (1995) a posiciona como um dos cinco pilares da IE. A resiliência, por sua vez, entendida como a capacidade de se adaptar e superar adversidades (Masten 2001), é uma competência crítica para a profissão docente, frequentemente desgastante e repleta de desafios. A ausência relativa destes termos na fase inicial é particularmente reveladora, pois aponta para uma visão da IE como um projeto solipsista, centrado no self, e não como uma ferramenta relacional e social.

A aparição esparsa de termos como "vida", "cuidado" e "estabilidade" aponta para uma visão incipiente de que a IE transcende o âmbito estritamente individual, relacionando-se também com o bem-estar global e a harmonia social. Esta perspectiva mais ampla ecoa as teorias de inteligências múltiplas de Gardner (1983), que já sinalizavam para a existência de uma "inteligência interpessoal" e uma "inteligência intrapessoal", e dos primórdios da psicologia com Thorndike (1920) e sua "inteligência social".

Em síntese, a dinâmica inicial pintou um retrato de um grupo com uma base conceitual válida, porém incompleta e notavelmente centrada no domínio interno, destacando os temas que necessitavam de maior aprofundamento e ressignificação durante as oficinas

A Transformação Perceptiva: A Nuvem de Palavras da Dinâmica Final

Em análise, as 143 palavras coletadas na dinâmica final serviram como um testemunho eloquente da ressignificação promovida pelas oficinas. A nuvem de palavras resultante (Figura 2)

apresenta um perfil lexical drasticamente diferente e mais alinhado com uma compreensão integral da IE, demonstrando uma assimilação conceitual que migrou do abstrato para o vivencial.

A ascensão do termo "empatia" à posição de destaque é, talvez, a mudança mais significativa. Enquanto na fase inicial sua menção era ambígua e pouco frequente, na fase final ela se tornou central, como pode ser visto na Imagem 2. Isto demonstra que as atividades conseguiram efetivamente ilustrar a importância de sair de si mesmo e conectar-se com o universo emocional do outro, uma competência indispensável para um educador que almeja criar vínculos positivos com seus alunos e compreender suas necessidades. Esta mudança não é meramente semântica; representa uma ampliação do horizonte de atuação do futuro professor, que passa a se enxergar não apenas como um transmissor de conhecimento, mas como um mediador de relações humanas complexas.

Figura 2-Nuvem de palavras referentes à dinâmica final das oficinas de formação



Fonte: Word Clouds

Outro termo que ganhou grande relevo foi "reflexão". Sua proeminência indica que as oficinas não se limitaram a uma transmissão passiva de conteúdo, mas sim que instigaram um processo de interiorização e pensamento crítico. Os participantes não apenas "aprenderam" sobre IE, mas foram conduzidos a refletir sobre suas próprias práticas emocionais, suas reações e seu papel como futuros professores.

Este é um passo fundamental para a autonomia e a construção de uma identidade docente consciente, alinhando-se com a perspectiva freireana de que a educação verdadeira não se faz com depósitos de informação, mas com problematizações do mundo. A palavra "pensativo", que também emerge, corrobora esta ideia de um estado de interiorização e processamento ativo do conhecimento.

A consolidação de vocábulos mais técnicos e específicos, como "autorregulação" e "autocontrole", em conjunto com "autoconhecimento", mostra uma apropriação mais sofisticada da terminologia e dos conceitos. É importante notar a nuance: se o "autocontrole" muitas vezes implica em supressão, a "autorregulação" refere-se a uma gestão mais flexível e adaptativa das respostas emocionais. A presença de ambos sugere que os discentes começaram a discernir essas sutilezas , compreendendo que a IE não se trata de reprimir emoções, mas de canalizá-las de forma produtiva.

Esta compreensão é vital em sala de aula, no qual o professor precisa gerenciar não só suas próprias frustrações e cansaços, mas também o turbilhão emocional de dezenas de crianças ou jovens, exigindo muito mais do que simples controle, mas uma regulação inteligente e contextual.

Além disso, o surgimento de palavras como "felicidade", "leveza" e "paz" na nuvem final introduz uma dimensão afetiva e de bem-estar que não era evidente no início. Isto sinaliza que os participantes passaram a associar a IE não apenas a um dever de controle, mas a uma ferramenta

para uma vida mais equilibrada e prazerosa, inclusive no contexto profissional. A IE, portanto, foi ressignificada de um conceito por vezes abstrato e associado a esforço, para uma experiência concreta, benéfica e libertadora. Esta associação positiva é crucial para a adoção sustentada dessas práticas na vida profissional.

Os Relatos Pessoais: A Voz do Protagonismo Discente e a Aprendizagem da Prática

A terceira camada de resultados, composta pelos relatos pessoais dos integrantes do projeto (Bianca, Jamilly Stefanny, Maria Gabriela e Wesley), oferece uma visão íntima e profunda do processo de aprendizagem e amadurecimento vivenciado por aqueles que estiveram à frente das oficinas. Seus depoimentos convergem para destacar o caráter transformador da experiência, que operou tanto no nível acadêmico-profissional quanto no pessoal, constituindo-se em um rico material de análise sobre a formação inicial.

Um tema unânime nos relatos é a superação do "nervosismo inicial" e a construção progressiva de "segurança" para falar em público e conduzir atividades. Bianca, menciona explicitamente ter ganhado mais tranquilidade com o apoio da equipe e o envolvimento dos alunos, destacando a importância do suporte social no processo de regulação emocional. Jamilly Stefanny, descreve um processo de "permitir-se experimentar" e "construir confiança", enquanto Maria Gabriela, fala em "superar o medo inicial" e estabelecer uma "conexão mais natural" com o público.

Esta jornada de desenvolvimento da autoeficácia é um exemplo prático de aplicação da Inteligência Emocional: o gerenciamento da ansiedade e a regulação da insegurança para desempenhar uma tarefa complexa. Eles não apenas estudaram a teoria da autorregulação; foram obrigados a praticá-la em um contexto real e de alta demanda, o que solidificou o aprendizado de maneira indelével.

Outro comentário valioso, particularmente destacado por Maria Gabriela, foi a distinção entre uma oficina e um seminário. Ela relata que, inicialmente, associou erroneamente as duas modalidades, mas compreendeu que a oficina é um "espaço privilegiado para a construção da docência", caracterizado pela "troca e aprendizado mútuo". Esta compreensão é fundamental, pois marca a transição de uma visão de ensino como transmissão unilateral para uma perspectiva dialógica e construcionista, alinhada com os princípios de Paulo Freire. Esta mudança de mentalidade é um dos ganhos mais profundos do projeto, pois impacta diretamente a futura prática de sala de aula dos licenciandos, incentivando-os a abandonarem posturas autoritárias em favor de ambientes colaborativos.

Wesley, por sua vez, traz uma reflexão meta-cognitiva sobre a trajetória do grupo de pesquisa. Ele enfatiza o "amadurecimento" ao longo do tempo, passando de uma compreensão "ampla" e talvez difusa para a definição de um "norte" mais claro. Seu relato também ressalta a importância do "protagonismo feminino" na coordenação do projeto e a valorização de uma "ciência que acolhe e humaniza". Esta fala transcende a análise dos dados e reflete sobre a ecologia do próprio projeto de pesquisa, destacando seu ambiente de apoio e seu compromisso com a formação integral, que vai além da produção de dados para incluir o cuidado com os pesquisadores em formação

Os relatos também são marcados por uma honestidade crítica, onde os discentes identificam pontos de melhoria, como a gestão do tempo (Bianca), a organização e divisão de tarefas (Maria Gabriela) e a necessidade de prática contínua (Jamilly Stefanny). Esta autocrise demonstra maturidade e um engajamento genuíno com o processo de crescimento, mostrando que internalizaram que a docência é uma profissão de aprimoramento constante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho mostra-se relevante para as discussões acerca da Inteligência Emocional no contexto acadêmico, educacional e de formação docente. Por meio do que é descrito neste relato, evidencia-se que o projeto não é importante apenas para os licenciandos, mas, também, para o público científico interessado em estudar a Inteligência Emocional no processo de ensino-aprendizagem.

Ao analisarmos as palavras citadas pelos graduandos durante as oficinas, nota-se a importância das formações realizadas, as quais se configuram como uma abordagem fundamental e profícua do projeto para a formação docente. As palavras analisadas dos participantes, materializam um amadurecimento no entendimento dos futuros professores não apenas sobre o conceito de Inteligência Emocional, mas também sobre sua relevância no contexto educacional.

Além disso, o artigo evidencia o quanto foi frutífera a participação dos membros do projeto. A partir dos relatos dos participantes, compreende-se o impacto positivo que a vigência do projeto exerceu na vida de cada um, contribuindo para a formação de docentes mais engajados e atentos às emoções. Considerando que o ambiente escolar é permeado por sentimentos e interações emocionais, compreender tais construtos torna-se essencial para uma vivência docente mais sensível e preocupada com o ambiente escolar.

Destarte, o artigo demonstra-se pertinente para as discussões sobre Inteligência Emocional, uma vez que traz à tona experiências reais que articulam o construto à prática docente. Ademais, este relato se configura como um elemento basilar para futuras reflexões e pesquisas sobre o tema no meio acadêmico, científico e educacional.

REFERÊNCIAS

GOLEMAN, D. Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Tradução: Marcos Santarrita. 10. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

MASTEN, A. S. Ordinary magic: Resilience processes in development. American Psychologist, v. 56, n. 3, p. 227–238, 2001. Disponível em: https://psycnet.apa.org/record/2001-06673-003. Acesso em: 10 ago. 2025.

MAYER, J. D.; SALOVEY, P. What is emotional intelligence? In: SALOVEY, P.; SLUYTER, D. J. (org.). Emotional development and emotional intelligence: educational implications. New York: Basic Books, 1997. p. 3-31.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.